


**Regina Zilberman**Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, UFRGS, Brasil

E-mail: regina.zilberman@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-0834-214X>

## Literatura em perigo, o perigo da literatura

**Regina Zilberman****Resumo**

Pensadores de prestígio, vinculados aos Estudos Literários, como Tzvetan Todorov e Antoine Compagnon, deram-se conta, no começo deste século, que os estudantes franceses de ensino médio não apresentavam particular interesse pela leitura de livros ou pela leitura em geral, dentro e fora da escola. Tzvetan Todorov atribui a falta à aplicação, a obras literárias, de conceitos teóricos e métodos sofisticados, difundidos pelo ensino superior, por decorrência colocando a interpretação deles em segundo plano. No Brasil, a situação toma configuração própria, já que, ao lado da predominância da teoria e da metodologia sobre a interpretação, assiste-se à diminuição do interesse pela formação profissional oferecida pelos cursos e faculdades de Letras. Ao encolhimento do número de programas universitários de Letras, em nível de graduação e de pós-graduação, soma-se a diminuta oferta do número de aulas dedicadas a obras literárias no ensino médio, reiterando o parecer de Todorov de que a literatura está ameaçada de desaparecimento. A esse risco adiciona-se outro: o perigo representado pela própria literatura, ao traduzir temas e polemizar questões indesejadas pelos grupos dominantes, o que a torna objeto de assédio por parte de instituições repressoras, como a censura. O teor revolucionário que pertence à natureza da literatura pode torná-la aparentemente ameaçadora, restringindo seu acesso. Mas o interesse pela Literatura não esmorece, pois novos caminhos são percorridos pelos autores, afiançando a capacidade de resistência que a faz encontrar novos públicos, dentro e fora da escola.

**Palavras-chave:** Ensino de letras. Censura. Resistência.**Recebido em:** 15/02/2025**Aprovado em:** 06/08/2025 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2025.e105293><http://www.perspectiva.ufsc.br>

**Abstract****Literature in danger, the danger of literature**

**Keywords:** Teaching of letters.  
Censorship.  
Resistance.

Prestigious thinkers linked to Literary Studies, such as Tzvetan Todorov and Antoine Compagnon, realized at the beginning of this century that French high school students were not particularly interested in reading books or reading in general, both in and out of school. Tzvetan Todorov attributed this to the application to literary works of sophisticated theoretical concepts and methods disseminated by higher education, which consequently put their interpretation on the back burner. In Brazil, the situation has taken on its own shape, since, alongside the predominance of theory and methodology over interpretation, there has been a decline in interest in the professional training offered by faculties of Letters and Languages. In addition to the shrinking number of undergraduate and postgraduate university programs in Literature, there is a diminishing number of classes dedicated to literary works in secondary schools, reiterating Todorov's opinion that literature is threatened with disappearance. This risk is accompanied by another: the danger posed by literature itself, which represents themes and polemical issues that are unwanted by dominant groups, making it an object of harassment by repressive institutions such as censorship. The revolutionary nature of literature can make it seem threatening, restricting access. But interest in literature does not wane, as new paths are taken by authors, confirming the capacity for resistance that makes it find new audiences, both inside and outside school.

**Resumé****Littérature en péril, le péril de la littérature**

**Mots-clés:** Enseignement des lettres.  
Censure.  
Résistance.

De prestigieux penseurs liés aux études littéraires, tels que Tzvetan Todorov et Antoine Compagnon, ont constaté au début de ce siècle que les lycéens français ne s'intéressaient pas particulièrement à la lecture de livres et à la lecture en général, que ce soit à l'école ou en dehors de l'école. Tzvetan Todorov attribue cette situation à l'application aux œuvres littéraires de concepts et de méthodes théoriques sophistiqués diffusés par l'enseignement supérieur, ce qui a pour conséquence de reléguer leur interprétation au second plan. Au Brésil, la situation a pris une tournure particulière, puisque la prédominance de la théorie et de la méthodologie sur l'interprétation s'est accompagnée d'une diminution de l'intérêt pour la formation professionnelle offerte par les cours et les facultés de littérature. Outre la diminution du nombre de programmes universitaires de littérature, au niveau du premier et du deuxième cycle, le nombre de classes consacrées aux œuvres littéraires dans les écoles secondaires diminue, réitérant l'opinion de Todorov selon laquelle la littérature est menacée de disparition. À ce risque s'en ajoute un autre: le danger que représente la littérature elle-même, qui traduit des thèmes et polémique sur des questions non souhaitées par les groupes dominants, ce qui en fait un objet de harcèlement par des institutions répressives telles que la censure. Le contenu révolutionnaire propre à la nature de la littérature peut la rendre menaçante et en restreindre l'accès. Mais l'intérêt pour la littérature ne faiblit pas, car de nouvelles voies sont empruntées par les auteurs, confirmant la capacité de résistance qui lui permet de trouver de nouveaux publics, à l'intérieur et à l'extérieur de l'école.

## A literatura em perigo

Em 2007, Tzvetan Todorov (2009), conhecido estudioso das estruturas literárias, publicou um pequeno livro que teve grande repercussão: *Literatura em perigo*, em 2009 traduzido para a língua portuguesa. A obra provocou apreciável impacto, de um lado, pela denúncia de que a literatura estava fadada ao desaparecimento, de outro, porque, até então, o autor era conhecido pela importante divulgação, nos anos 1970, do movimento dos formalistas russos, pelos trabalhos relativos à narrativa fantástica e ao funcionamento dos contos, e ainda por pesquisas sobre a conquista da América e diversidade humana; não, porém, por adotar um posicionamento crítico sobre o destino da literatura na escola.

À primeira vista, Todorov não estava desacompanhado dos pares franceses quando chamou a atenção para os problemas que colocavam em risco a sobrevivência da literatura. Em 2006, Antoine Compagnon, não menos prestigiado que Todorov, autor de ensaios como *O demônio da teoria*, perguntava ao público de sua conferência no Collège de France: *Literatura para quê?* (2009), interrogação que justifica o livro de 2007, lançado no Brasil em 2009. No mesmo 2009, quando a obra de Todorov começava a circular entre nós, a romancista Danièle Sallenave (2009) relatou a atividade desenvolvida entre estudantes de Marselha em *Nous, on n'aime pas lire*, questão de ordem educacional que ecoa no texto do conhecido autor de *A leitura: Estudo de Literatura*, Vincent Jouve (2012), que, de modo mais direto, indaga em 2010: *Por que estudar literatura?*, livro vertido para o português em 2012.

Essas obras espelham a preocupação, de uma parte, com o futuro da literatura; de outro, com o que se passa em sala de aula, que pode, ou não, garantir ou abortar aquele futuro. Segundo Todorov, os estudantes não se interessam pela literatura; e, a seu ver, não é difícil encontrar as causas desse problema: as mudanças ocorridas no ensino superior, implementadas a partir dos anos 1970 com a emergência do Estruturalismo (ainda que não faça um mea culpa, até se poderia atribuir ao próprio Todorov responsabilidade por esse delito, já que foi importante adepto e difusor daquele movimento).

Escreve ele, reivindicando um procedimento alternativo:

A análise das obras feita na escola não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém-introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura, quando, então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos trazer acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos (Todorov, 2009, p. 89).

Todorov chama a atenção, pois, para o fato de que o emprego de metodologias inadequadas de abordagem de textos artísticos poderia conduzir o estudante de ensino médio a afastar-se deles, não se completando sua formação enquanto leitor consciente e maduro.

Talvez seja pertinente examinar a questão passados quase vinte anos entre a publicação da advertência de Todorov e a situação, ao menos no Brasil, do ensino da literatura. Exemplo adequado pode ser extraído das provas do Enem, considerando que são aplicadas, indistintamente, a todos os concluintes do ensino básico, queiram ou não se candidatar ao nível superior, provenham ou não do ensino público ou privado.

A questão a seguir, originária da prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias de 2023<sup>1</sup>, é suscitada por um recorte proveniente de *Torto arado*, o muito bem sucedido romance de Itamar Vieira Jr. Foi escolhido o trecho que justifica o título da obra:

Passado muito tempo, resolvi tentar falar, porque estava sozinha me embrenhando na mesma vereda que Donana costumava entrar. Ainda recordo da palavra que escolhi: arado. Me deleitava vendo meu pai conduzindo o arado velho da fazenda carregado pelo boi, rasgando a terra para depois lançar grãos de arroz em torrões marrons e vermelhos revolvidos. Gostava do som redondo, fácil e ruidoso que tinha ao ser enunciado. “Vou trabalhar no arado.” “Vou arar a terra.” “Seria bom ter um arado novo, esse arado tá troncho e velho.” O som que deixou minha boca era uma aberração, uma desordem, como se no lugar do pedaço perdido da língua tivesse um ovo quente. Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada.

Seguem à reprodução do trecho o enunciado da questão e as alternativas para escolha simples:

Com a perda de parte da língua na infância, a narradora tenta voltar a falar. Essa tentativa revela uma experiência que

- A) reflete o olhar do pai sobre as etapas do plantio.
- B) metaforiza a linguagem como ferramenta de lavoura.
- C) explicita, na busca pela palavra, o medo da solidão.
- D) confirma a frustração da narradora com relação à terra.
- E) sugere, na ausência da linguagem, a estagnação do tempo.

Não seria justo afirmar que, para escolher a alternativa correta, o estudante tenha de dominar metodologias dos estudos literários, contradizendo, ao menos neste quesito, o diagnóstico radical de T. Todorov. Por outro lado, cabe admitir que, sem o conhecimento de alguma terminologia – como metáfora ou narrador – ele não teria meios de entender plenamente o que está formulado nas alternativas b) e d). De todo modo, ainda que de modo torto como o arado do trecho, a questão ainda supõe algum tipo de interpretação, o que não deixa de configurar uma mudança importante em relação a avaliações anteriores do Enem, em que predominavam perguntas sobre escolas

<sup>1</sup> Localizável em [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2023\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2023_PV_impresso_D1_CD1.pdf) (Inep, 2023, p. 13),

literárias e características estilísticas, típicas do glossário da História da Literatura (Zilberman, 2016).

Resolvido o problema, embora de modo ainda insuficiente, pode-se concluir que foi superado o perigo de desaparecimento da literatura? Parece-nos que não, porque o furo talvez esteja mais embaixo.

O diagnóstico de Tzvetan Todorov e seus pares franceses é importante, porque aponta o lugar que afiança vida e permanência à literatura – a escola. Ainda que, nas obras citadas, o reconhecimento da relevância da escola não se dê de modo explícito, ele está ali, indicando a instituição que carregou nos ombros a tradição literária, com todos os bônus e os ônus que o exercício dessa tarefa implicou e continua a requerer.

Por sua vez, quando Todorov se refere aos estudantes – e são os do ensino médio que comparecem em seu raciocínio, assim como na experiência de Danièle Sallenave, antes mencionada –, ele não se limita às instituições que oferecem a educação básica. Ele mira sobretudo a formação oferecida aos professores das licenciaturas, preparados para transmitir conhecimento literário à juventude. Assim, ao abordar a literatura em perigo, cabe examinar o que ocorre nos cursos de Letras e nas propostas em voga provenientes de instâncias vinculadas ao Estado.

Esse exame toma como base os cursos de Letras no Rio Grande do Sul. Visto de perto o panorama exibido por eles, contata-se que a paisagem é desalentadora, já que se assiste ao paulatino encolhimento da oferta por parte das IES locais. Porto Alegre contava, no começo deste século, com cursos de Letras oferecidos pelas seguintes instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Instituto Porto Alegre (IPA), Faculdade Portoalegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA) e Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter). Na região metropolitana, Universidade La Salle, Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), não só na cidade de Canoas, mas também nos municípios de Gravataí e Guaíba, pelo menos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Universidade Feevale proporcionavam formação similar. Além disso, os cursos diplomavam não apenas em língua portuguesa, mas também em inglês e, eventualmente, espanhol e francês. Eram poucas as possibilidades de opção pelas modalidades EAD ou híbridas, podendo as atividades dividirem-se entre horários diurnos e noturnos.

Foi entre as décadas de 1970 e de 1980 que os cursos de Letras se expandiram notavelmente no Rio Grande do Sul, fruto dos efeitos das reformas implementadas no começo dos anos 1970, que ampliaram o período de frequência obrigatória à escola, a partir de então estendendo-se de cinco para oito anos (atualmente nove, considerando o Ensino Fundamental). A demanda por corpo docente habilitado a trabalhar nesse sistema conferiu novo alento ao mercado de trabalho

constituído pelo magistério com formação superior, e os cursos de Letras se prontificaram a preparar pessoal adequado à docência.

Ao final da primeira década do presente século, a procura decrescia, de que derivou a readaptação promovida sobretudo nas instituições privadas. Cursos foram desativados, aglutinados, oferecidos apenas em horário noturno – providências tomadas no sentido de acomodá-los às circunstâncias do alunado trabalhador. Além da UFRGS, apenas a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), instituição igualmente pública, oferece atualmente curso de letras em regime diurno; e, entre instituições públicas, unicamente alguns institutos federais, como o que se situa no campus Restinga, na periferia de Porto Alegre, implementou recentemente (2022) uma licenciatura em português e espanhol, em regime noturno. Em formato EAD, a Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (FADERGS), até 2020 vinculada ao grupo Laureate Internacional Universities, que administrava também a UniRitter, diploma licenciados em inglês e em português.

Provavelmente, a razão para o encolhimento do número de cursos de Letras é similar àquela que motivou sua expansão: se antes cresceu a oferta de postos de trabalhos, nos últimos anos aquela visivelmente feneceu.

Uma das consequências é observável no âmbito da oferta de programas de pós-graduação em Letras. Também esses subiram em quantidade e diversificaram-se em termos geográficos entre o final dos anos 1990 e início da década seguinte. Os últimos anos presenciam, porém, o encerramento da atividade desses programas ou sua fusão com cursos próximos. O caso mais notório, que comprova o fato de modo definitivo, foi o fechamento, em 2022, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), quando tinha acabado de receber o conceito 6 (seis) pela Fundação Capes, decorrente da avaliação quadrienal realizada por aquela agência federal.

O último Censo da Educação Básica, promovido pelo Inep/MEC, indicou, conforme os dados divulgados em <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/mec-e-inep-divulgam-resultados-do-censo-escolar-2023> (Brasil, 2023), que existem no Brasil 7.866.695 pessoas matriculadas em escolas brasileiras de ensino médio. A essas podem-se somar os estudantes vinculados ao ensino técnico, em número de 1.742.860. Consideradas todas as instituições em que estão matriculados estudantes da educação básica, chega-se ao total de 47,3 milhões de indivíduos, distribuídos em 178,5 mil escolas. A Educação de Jovens Adultos (EJA) registrou, por sua vez, em 2023, 2,5 milhões de estudantes, dos quais 2,3 milhões encontram-se na rede pública e cerca de 200 mil, na rede privada.

O número de estudantes, mesmo tendo decrescido em decorrência da pandemia de 2020-2021, alcançou aproximadamente cinquenta milhões de pessoas, equivalendo a pouco menos de

25% de toda a população do país, onde residiam, em 2024, mais de duzentos milhões de habitantes. O contingente escolar constitui, pois, um robusto mercado de transferência educacional, o que, porém, ao menos no Rio Grande do Sul, não se reflete na formação de docentes por meio do ensino superior, já que a procura por cursos de Letras regrediu, derivada do encolhimento dos postos de trabalho disponíveis.

No caso do ensino da literatura, um fator se adiciona a esse quadro: a redução da carga horária semanal a ele dedicado. Conforme o Guia de matrizes curriculares 2024, publicado pela Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação, da Secretaria de Educação, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, disponível no endereço <https://educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/202402/05185205-guia-de-matrizes-curriculares-2024-atualizado-30jan24-1.pdf> (Rio Grande do Sul, 2024), o número máximo de horas-aula destinadas à literatura corresponde a um encontro de 50 minutos por semana, podendo ser nenhum, em algumas circunstâncias.

O alerta expresso por Tzvetan Todorov continua, pois, a fazer sentido, não, provavelmente, pelas razões cogitadas pelo pensador francês. Pode-se arguir, é certo, se outros fatores, extracurriculares, não intervieram também, ao guiar o interesse dos jovens educados na cultura digital para outros suportes, nem todos textuais ou verbais.

Contudo, essa não é a razão principal por que a literatura vem se apagando no meio escolar, mesmo porque foram as aulas ministradas por meio digital – o chamado ensino remoto – que, por um tempo, garantiram o acesso à educação por parte da população estudantil. Reiterando que esse contingente soma aproximadamente cinquenta milhões de pessoas, a formação à distância teve importância decisiva para que não se rompesse a preparação intelectual e cultural da juventude brasileira.

Assim sendo, quando é questionada a circulação da literatura na escola, que decresce à medida em que o estudante alcança os níveis avançados do ensino básico, é preciso levar em conta em primeiro lugar o pouco espaço a ela atribuído na grade curricular, com consequências na oferta de docentes para atuar em sala de aula<sup>2</sup>. Em virtude disso, a literatura pode, sim, ter perdido prestígio, tornando-se um bem descartável. Esse efeito vai na direção oposta à que assevera Antonio

---

<sup>2</sup> A recente medida governamental, emanada do Ministério de Educação (MEC, 2024), concedendo bolsas a estudantes das licenciaturas e a docentes que atuam em regiões pouco atendidas por professores (reproduzindo, de certa maneira, o programa Mais Médicos) pode colaborar para minorar o problema, uma vez que contém elementos para incentivar o incremento e expansão de cursos de Letras. Por outro lado, sua eficácia, no caso da Literatura, dependerá, simultaneamente, da disponibilidade de carga horária para os licenciados ministrarem aulas com conteúdo literário. A divulgação do programa de bolsas de iniciação à docência pode ser encontrada no endereço <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/governo-federal-ofertara-80-mil-bolsas-de-iniciacao-a-docencia>.



Candido, para quem, conforme enuncia em “O direito à literatura”, a literatura consiste em um bem imprescindível, apresentando-se, nas suas palavras, como um “fator indispensável de humanização”, capaz de confirmar “o homem na sua humanidade” (Candido, 2011, p. 177). De certo modo, Todorov, quando adverte que a literatura pode estar ameaçada de desaparecer, corrobora a afirmação de Candido, por acreditar que as obras levam a “um conhecimento do humano, o qual importa a todos”.

## O perigo da literatura

Talvez seja por decorrência da capacidade da literatura – a de confirmar “o homem na sua humanidade” e de oferecer “um conhecimento do humano” – que ela se vê constantemente assediada. Um dos sintomas desse processo é o modo como foi transmitida na escola brasileira por muitas décadas: espalhada por uma história da literatura com padrões fixos de classificação, que buscam integrá-la a períodos artísticos (Simbolismo, Modernismo etc.) e medir a quantidade de sua aderência ao projeto de expressão e certificação da identidade nacional, a qual, quanto mais elevada for, mais validade e qualidade confere à determinada criação artística.

Outra situação que inibe o acesso a uma obra literária e impede a verificação de sua vitalidade congênita é a que denuncia Todorov: a conversão dela em objeto de aplicação ou certificação de conceitos teóricos ou técnicos, como duas questões presentes na prova do Enem aplicada em 2024 (Inep, 2024) ilustram. Os exemplos a seguir, localizáveis no endereço [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2024\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2024_PV_impresso_D1_CD1.pdf), asseveram a constatação:

### QUESTÃO 20

Sempre passo nervoso quando leio minha crônica neste jornal e percebo que escapuliu a palavra “coisa” em alguma frase. Acontece que “coisa” está entre as coisas mais deliciosas do mundo.

O primeiro banho da minha filha foi embalado pela minha voz dizendo, ao fundo, “cuidado, ela ainda é uma coisinha tão pequena”. “Viu só que amor? Nunca vi coisa assim”. O amor que não dá conta de explicação é “a coisa” em seu esplendor e excelência. “Alguma coisa acontece no meu coração” é a frase mais bonita que alguém já disse sobre São Paulo. E quando Caetano, citado aqui pela terceira vez pra defender a dimensão poética da coisa, diz “coisa linda”, nós sabemos que nenhuma palavra definiria de forma mais profunda e literária o quão bela e amada uma coisa pode ser. “Coisar” é verbo de quem está com pressa ou tem lapsos de memória. É pra quando “mexe qualquer coisa dentro doida”. E que coisa magnífica poder se expressar tal qual Caetano Veloso. Agora chega, porque “esse papo já tá qualquer coisa” e eu já tô “pra lá de Marrakech”.

TATI BERNARDI. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br). Acesso em: 3 jan. 2024 (adaptado)

À reprodução do texto, adaptado, segue-se o enunciado da questão e depois, apresentam-se as alternativas:

O recurso utilizado na progressão textual para garantir a unidade temática dessa crônica é a



- a) intertextualidade, marcada pela citação de versos de letras de canções.
- b) metalinguagem, marcada pela referência à escrita de crônicas pela autora.
- c) reiteração, marcada pela repetição de uma determinada palavra e de seus cognatos.
- d) conexão, marcada pela presença dos conectores lógicos “quando” e “porque” entre orações.
- e) pronominalização, marcada pela retomada de “minha filha” e “um namorado ruim” pelos pronomes “ela” e “lo”.

A questão 22, igualmente localizável no endereço indicado, abre com a apresentação de dois textos, extraído o primeiro de *Sobrevivendo ao inferno*, dos Racionais MCs, e o segundo, de artigo de W. Garcia, em versão adaptada, publicado no periódico *Teresa*, n. 5, de 2004. Importam aqui as alternativas em resposta a enunciado, assim formulado: “Na letra da canção, a tematização da violência mencionada no Texto II manifesta-se”. São as alternativas:

- a) como metáfora da desigualdade, que associa a ideia de justiça a valores históricos negativos.
- b) na referência a termos bélicos, que sinaliza uma crítica social à opressão da população das periferias.
- c) como procedimento metalinguístico, que concebe a palavra como uma forma de combate e insubordinação.
- d) nas definições ambíguas do enunciador, que inverte e relativiza as representações da maldade e da bondade.
- e) na menção à imortalidade, que sugere a possibilidade de resistência para além da dicotomia entre vida e morte.

As opções oferecidas só podem ser compreendidas se o/a candidato/a dominar os conceitos de intertextualidade e metalinguagem, no caso da questão 20, e de metáfora, procedimento metalinguístico e enunciador, no caso da questão 22, postos em circulação pelo pensamento pós-estruturalista e que migrou para o ensino médio após a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a partir dos anos 1990. Nos exemplos dados, se observa, de uma parte, a presença de gêneros não canônicos, em oposição ao predomínio de obras clássicas, preferidas em exames anteriores, de outra, constata-se que fica em segundo lugar o entendimento do texto literário – sua comunicabilidade em termos de transmissão de valores – em favor da absorção de conceitos teóricos de inserção relativamente recente nos estudos acadêmicos.

Contudo, quando se trata de interditar o efeito humanizador da literatura, nenhuma daquelas providências se compara à ação da censura.

O recurso à censura acompanha a trajetória republicana brasileira desde os primeiros anos da implantação daquele regime. *A ilusão americana*, de Eduardo Prado (2010), obra em que o autor critica o expansionismo dos Estados Unidos e o regime republicano, foi retirada de circulação tão logo lançada, em dezembro de 1893. Em 1937, o romance *Capitães da areia*, de Jorge Amado, foi proibido pela polícia do Estado Novo, tendo sido aproximadamente mil exemplares da obra queimados em praça pública na cidade de Salvador. Entre o final dos anos 1960 e o da década seguinte, a censura prévia foi chamada a intervir com bastante frequência, vetando a circulação de

novelas como *Zero*, de Ignacio de Loyola Brandão, contos como os de *Feliz ano novo*, de Rubem Fonseca, canções como “Cálice”, de Chico Buarque de Holanda e Gilberto Gil, ou peças de teatro, como *Calabar: o elogio da traição*, de Chico Buarque e Ruy Guerra. Estávamos no auge dos chamados anos de chumbo, e essas obras incomodavam os detentores do poder. Evidenciavam, pelo avesso, como a literatura é, ela mesma, um perigo.

Esperar-se-ia, em tempos de restauração da democracia, quando aquelas obras circulam com alguma familiaridade entre nós, que a censura fosse tão somente uma triste e indesejada memória do passado. Infelizmente, como sabemos, não é o caso, bastando lembrar episódios relativamente recentes, como a proibição, em 2020, pelo governo de Rondônia, da circulação, nas escolas, de obras como, entre outras, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *O castelo*, de Franz Kafka, em um total de 42 títulos, conforme matéria difundida em <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/02/06/documento-da-secretaria-de-educacao-de-ro-manda-recolher-de-escolas-macunaíma-e-mais-42-livros-secretario-diz-ser-rascunho.ghtml> (G1-R0, 2020).

Em 2024, as vítimas mais notórias foram *O avesso da pele*, de Jefferson Tenório, e *O menino marrom*, de Ziraldo. O romance de Jefferson Tenório, escolhido para distribuição em escolas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 2022, foi censurado pelas autoridades educacionais dos estados do Paraná, Goiás e Santa Catarina, além de ser matéria de vídeo incriminador difundido por escola do município de Santa Cruz (RS), a que se seguiu seu recolhimento pela 6ª Coordenadoria Regional de Educação. A entrevista concedida pelo escritor, localizável no endereço <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/03/04/livro-diretoras-rs-avesso-da-pele-jefferson-tenorio.ghtml> (G1-RS, 2024), expõe o posicionamento do autor diante do processo de cerceamento de que a obra vem sendo objeto.

Por sua vez, o livro de Ziraldo, de 1986, foi motivo de suspensão pela prefeitura de uma cidade mineira. A fábula que compõe a narrativa é relativamente simples, iniciando pela apresentação das duas personagens centrais, identificadas por sua cor: o menino marrom e o menino cor-de-rosa. A primeira parte do enredo dá conta das relações entre as duas crianças, grandes amigos desde muito pequenos e que descobrem, após uma aula de ciências, que não existe a divisão entre as pessoas brancas e pretas, porque, em nenhum dos casos, as cores se apresentam em estado puro. Reconhecem, assim, a diversidade enquanto fato natural, ao mesmo tempo em que desmontam a noção dualista que divide as pessoas entre brancos e pretos. Por meio da estratégia de descobertas paulatinas, a história apresenta a trajetória dos dois meninos que transitam da inocência à maturidade.

Em *O menino marrom*, parece evidente que é o racismo está em jogo, comportamento que acompanha a infância dos brasileiros e que a obra quer combater. Mas o autor não tem em vista

discutir o ângulo doutrinário da questão, nem almeja oferecer uma obra militante. Agir desta maneira seria adotar o ângulo dos adultos, e o escritor quer dar voz às crianças, valorizando sua imaginação e inteligência.

Não é difícil identificar o que incomodou nessas duas obras: o protagonismo de figuras de ancestralidade africana, mesmo quando se trata de uma criança, como em *O menino marrom*; a denúncia do racismo, como procedem os dois textos, cada um à sua maneira e considerando o público a que se destina; a liberdade e inteligência com que o tema é abordado pelos autores.

A relevância que a literatura e as expressões vinculadas à cultura afrobrasileira adquiriram recentemente, o que motiva sua escolha por parte de entidades públicas relacionadas à seleção de livros para o ensino, parece incomodar grupos sociais que, até então, não precisavam concorrer por lugares na escola. Ainda que, em muitas obras, pudessem figurar personagens negros, o racismo ou a opressão feminina, elas não chegavam à sala de aula. Se chegavam, era de modo colateral, não se tratando de uma política de governo ou de Estado, fruto de compras para distribuição entre os estudantes.

Por isso, são secretários de educação, diretores ou coordenadores pedagógicos que recusam enfaticamente os livros que recebem, ainda que sem custos, porque distribuídos por iniciativas nacionais, como o PNLD. O papel de censor, exercido no passado distante pela Igreja ou por instituições religiosas, depois pela polícia, como ocorreu à época dos anos de chumbo, migra para personalidades ligadas ao universo do ensino e da prática escolar.

### A resistência da literatura

A literatura esteve presente no ensino desde a Antiguidade. Dirigida preferencialmente à elite masculina nas cidades-estados que formavam a confederação helênica, fundamentava a aprendizagem da língua e da tradição, valendo-se preferencialmente das narrativas que se tornavam clássicas, como os poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*, atribuídos a Homero. Entre os hebreus, também os meninos eram introduzidos ao alfabeto, condição para o conhecimento dos livros que formavam o Pentateuco ou Torá. Entre os povos que não privilegiavam o uso da escrita, a transmissão oral de narrativas, lendárias ou fictícias, garantia a coesão social e a proximidade entre jovens e idosos, reverenciados esses como portadores da sabedoria coletiva.

É certo que, ao longo dos séculos que construíram o passado ocidental, a literatura favoreceu sobretudo a educação das camadas superiores, a dos detentores do poder e da propriedade. As mulheres eram preferencialmente excluídas do acesso ao ensino, mas não deixaram de contribuir com a criação e a leitura de obras difundidas pela linguagem verbal, em prosa e verso. A trajetória que se desenhou ao longo do tempo afiançou a permanência da literatura, nos seus diferentes

formatos, no horizonte cultural dos povos ocidentais, fazendo-a dependente de uma instituição que, aos poucos, tornou-se obrigatória e, por decorrência, poderosa – a escola.

Antes da invenção da imprensa, que consagrou a configuração gráfica dos textos, e a disseminação do letramento, a literatura tinha na escola seu aliado mais importante. Mesmo com a expansão dos públicos leitores entre as populações urbanas, sobretudo, o aparato educacional não perdeu força e poder, oferecendo-se com o aliado mais confiável para a difusão e consolidação da produção literária.

Contudo, a produção literária nem sempre foi idêntica ao longo dos tempos. Com as transformações da sociedade, economia e política, passou por revoluções internas – designados por movimentos artísticos, como o Romantismo, o Naturalismo ou o Modernismo – que sinalizam a resposta que oferece às mudanças em curso. É esse processo de constante renovação que não apenas caracteriza sua natureza, mas que visibiliza o diálogo que propõe ao meio dentro do qual opera e expande-se, à imagem de um mecanismo sem começo ou origem, nem fechamento ou conclusão.

Nesses termos, é possível afirmar que a literatura está em risco, porque pode desaparecer do horizonte cultural, em decorrência das várias modalidades de assédio de que é vítima?

Os assédios são notórios e tomam várias formas: segundo Todorov e seus pares franceses, trata-se dos modos como se dá o ensino da literatura em sala de aula, decorrentes de certa overdose, digamos, de teorias filosóficas ou críticas estudadas nos cursos de Letras e praticadas em teses e dissertações, projetos de pesquisa ou livros publicados. As provas do Enem, antes citadas, revelam que a denúncia, exposta em obras como *A literatura em perigo*, pode ser aplicada, no todo ou em parte, à pedagogia vigente nas disciplinas oferecidas por instituições universitárias.

O assédio, porém, pode aparecer na forma do cânone estabelecido por efeito da consolidação proposta pela História da Literatura, disciplina e tendência predominante nos estudos literários brasileiros desde o século XIX. O privilégio concedido a determinados gêneros ou estilos literários ou a autores do passado, preferencialmente do sexo masculino, consolida um olhar sobre o passado que repercute sobre o presente, derivando dessa sistemática a rejeição por parte de camadas sociais ou grupos etários que não se identificam com as escolhas feitas pela tradição.

A censura é provavelmente a forma mais evidente do assédio. Ainda que repudiada por muitos, assume, seguidamente, máscara das boas intenções, quando diz proteger os possíveis destinatários de obras tidas por indesejadas ou malignas, sobretudo as que, no presente, questionam os preconceitos raciais que parecem vicejar no país e dispõem dos aparelhos educacionais para se propagarem.

Obras como as censuradas sinalizam, por sua vez, as tendências que a literatura nacional vem assumindo nas últimas décadas, dando voz a segmentos até então em boa parte ignorados pelos órgãos oficiais de disseminação cultural: as crianças, como propõe o livro de Ziraldo,

afrodescendentes na condição de protagonistas e responsáveis pela dicção narrativa, à maneira do romance de Jefferson Tenório, as manifestações da periferia das grandes cidades, de que são exemplo os conjuntos de rap, hip-hop e funk, valorizados na questão do Enem, as criações originárias dos indígenas, transmitidas por seus produtores, que assinam as obras trazendo no próprio nome a indicação da etnia a que pertencem (Santos, 2024).

Os novos contingentes de estudantes que frequentam as escolas brasileiras, nos diferentes espaços brasileiros – grandes centros urbanos, comunidades rurais ou indígenas, quilombolas – interagem com os produtos literários e artísticos mencionados, porque fazem parte do meio que os suscitou. Não podem ser, pois, desconsiderados, desdenhados ou desmerecidos em sala de aula, sendo que sua presença na escola evidenciará a vitalidade e a permanente renovação da literatura, sem que essa tenha de abrir mão de seu pendor à resistência – seja porque perdure, seja porque se mostre a própria voz da resistência.

O ensino remoto acabou, mas a literatura persiste, e com ela seus leitores.

### Referências

BRASIL. MEC e Inep divulgam resultados do Censo Escolar 2023. Disponível em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/mec-e-inep-divulgam-resultados-do-censo-escolar-2023>. Acesso em: 18 fev. 2025.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

G1-RO. **Documento da Secretaria de Educação de RO manda recolher de escolas 'Macunaíma' e mais 42 livros; secretário diz ser 'rascunho'**. Plataforma de notícias G1 - Globo.Rondônia, 06 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/02/06/documento-da-secretaria-de-educacao-de-ro-manda-recolher-de-escolas-macunaíma-e-mais-42-livros-secretario-diz-ser-rascunho.ghtml>. Acesso em: 18 fev. 2025.

G1-RS. **Diretora de escola do RS pede censura de livro 'O Avesso da Pele', de Jefferson Tenório; autor rebate: 'deveríamos estar preocupados em formar leitores'**. Plataforma de notícias G1 - Globo.Rio Grande do Sul, 04 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/03/04/livro-diretora-rs-avesso-da-pele-jefferson-tenorio.ghtml>. Acesso em: 18 fev. 2025.

INEP. Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Exame Nacional do Ensino Médio 2023**: Prova de linguagens, códigos e suas tecnologias. Caderno Azul. 2023. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2023\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2023_PV_impresso_D1_CD1.pdf). Acesso em: 18 fev. 2025.

INEP. Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Exame Nacional do Ensino Médio 2024**: Prova de linguagens, códigos e suas tecnologias. Caderno Azul. 2024. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enem/provas\\_e\\_gabaritos/2024\\_PV\\_impresso\\_D1\\_CD1.pdf](https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2024_PV_impresso_D1_CD1.pdf). Acesso em: 18 fev. 2025.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

MEC. Ministério da Educação. **Governo federal ofertará 80 mil bolsas de iniciação à docência.** Atualizado em 29 maio 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/governo-federal-ofertara-80-mil-bolsas-de-iniciacao-a-docencia>. Acesso em: 18 fev. 2025.

PRADO, Eduardo. **A ilusão americana.** Brasília: Senado Federal, 2010.

RIO GRANDE DO SUL. Subsecretaria de Desenvolvimento da Educação. Secretaria da Educação. **Guia de Matrizes Curriculares 2024.** Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/202402/05185205-guia-de-matrizes-curriculares-2024-atualizado-30jan24-1.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025.

SALLENAVE, Danièle. *“Nous, on n’aime pas lire”*. Paris: Gallimard, 2009.

SANTOS, Leandro Viana Villa dos. A literatura indígena como uma literatura ainda menor. In: LIMA, Rachel Esteves; LA REGINA, Anne Greice Soares (Org.). **Observatório da crítica.** Salvador: EDUFBA, 2024. p. 145-160.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Trad. Carlos Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina. Precisamos falar sobre o ensino. In: SALES, Germana Maria Araújo; NASCIMENTO, Maria de Fátima do; FURTADO, Marli Tereza (Org.). **Fluxos e correntes literárias.** Rio de Janeiro: Edições Makunaima; ABRALIC, 2016. p. 92-114.